

ALÉM E DENTRO, PINTURA E ESCULTURA

A METÁFORA DA MORTE NA ESCULTURA CONTEMPORÂNEA PORTUGUESA, NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX

As regras de cortesia organizam os encontros, determinando formalidades e um vocabulário com a função de estabelecer sentido a uma experiência de comunicação.

Esta circunstância instituiu um grau de confiança necessário para que a partilha seja perceptível e possibilite uma inteligibilidade.

Assim, agradeço à Fátima e à Luísa o convite para participar neste seu projecto e dar-lhes os parabéns por esta ideia brilhante que ilumina o lado escuro. Efectivamente o trabalho de investigação é muitas vezes lunar, trabalhando na sombra, para chegar à luz que é o Conhecimento.

Senti-me lisonjeado com o convite para fazer parte deste projecto que me desafiou a rever e revelar uma acção que, habitualmente, fica na reserva íntima do investigador.

CONTEXTO

Terminada a minha formação em Pintura na Escola Superior de Belas-Artes do Porto, e tendo a minha carreira como professor do ensino secundário atingido uma estabilidade o Mestrado surgiu como uma oportunidade para continuar a estudar. Este era um objectivo não interesseiro, só interessado.

A FLUP tinha uma oferta na área da Arte Contemporânea numa parca oferta geral. Assim, depois de uma primeira candidatura em 1996, fui aceite em 1998.

Senti alguma reticência em aceitar o autor que me propus estudar aquando da 1ª candidatura: João Cutileiro. Para a 2ª candidatura encontrei uma razão e um entusiasmo que problematizava a relação entre A Escultura e a Morte.

A candidatura implicava a apresentação de um pré-projecto e uma entrevista perante um júri de 5 pessoas. O número de vagas era restrito, com cotas para alunos da FLUP, e só havia 3 vagas para a vertente contemporânea de Escultura do Século XX.

No 1º ano o curso funcionava com diferentes Seminários. Uma 2ª parte destinava-se a reuniões de orientação. Por motivos de doença grave do Professor António Cardoso, foi-se instalando algum desânimo e tornou-se delicado gerir a



Manuel Rosa
Sem Título, 1996 – Instalação com areia de fundição – c. 85 x 180 x 480.

situação, quando, já convalescente, o professor se tinha disponibilizado para me receber.

O estado de desânimo terminou com um telefonema do orientador a “puxar-me as orelhas” por não dar notícias. Na reunião de trabalho em que apresentei o trabalho realizado e discuti as possibilidades de desenvolvimento ele acabou por me dizer que tinha entendido o meu silêncio: “não me ia trazer a morte!” E assim, o humor venceu tanatos.

Rapidamente comecei a enviar textos e obtive a sua confiança: “escreve bem. Não vai ter problemas.” Senti que isso também o tinha descansado a ele.

O PROCESSO

O início do processo investigativo foi “bem-comportado”: realizar levantamentos da escultura existente nos cemitérios de Agramonte, Prado do Repouso, Lordelo, Mafamude. Ser impedido de tirar fotos, num deles lembrou dificuldades prosaicas inerentes a qualquer investigação.

Processo lento, de maturação, de leituras, recolha de imagens, publicações, catálogos, jornais, artigos, seguido do tratamento da informação.

Para toda a investigação contei sempre com meios próprios, fazendo com que o prazer pessoal de vaguear pelas livrarias possibilitasse a surpresa dos

encontros. Nesta rede também as Galerias foram importantes e José Mário Brandão e Pedro Oliveira foram generosos no material que disponibilizaram.

Também foram realizados contactos: directamente com Zulmiro de Carvalho, via telefone com João Cutileiro e também para C. M. Évora, por causa de uma obra de José Pedro Croft.

Convém realçar que era parca a informação disponível na internet e, ainda hoje, a BOA informação é escassa e de difícil acesso.

A inclusão de Webgrafia era também uma novidade muito recente.

A ESCRITA

A escrita é sempre uma dificuldade inicial. Só a prática a vai tornando orgânica. Trata-se de um ensaio que faz com que o meio se torne, progressivamente, modo de pensar, lembrando a frase de Louis Aragon: “pensa-se a partir do que se escreve e não o contrário”. Também Nietzsche dizia sobre a máquina de escrever que “a máquina trabalha em conjunto com os meus pensamentos”.

Assim, os dispositivos, a tecnologia, não são neutros e obviamente a construção de um texto realizado num computador é radicalmente diferente de um texto escrito através de outros meios.

As regras deixam de ser abstractas e passam a ser objectivas: compreende-se a diferença entre a oralidade e a escrita, a ser parcimonioso com os adjectivos e a “escrever só o que se quer dizer”, como disse Walter Benjamin.

Os aspectos formais, com as citações e referências bibliográficas, assim como com o arranjo gráfico, foram determinantes, no caso de um texto que se complementa com imagens das obras que analisa. A forma é já conteúdo e é determinante não quebrar a fluidez, para não interromper nem o discurso nem a leitura, quer do texto quer das imagens.

RITMO

O processo de escrita foi iniciado em Agosto, enviada a família de férias e, em Novembro, entrava no processo de impressão da tese, dividida em 2 volumes – a dissertação e o 2º volume constituído pelos anexos, com o levantamento e fichas de obra dos autores estudados.

Trabalhava todos os dias das 16:00 às 20:00 e das 22:00 às 07:00. “O pai virou morcego” constatou um dos filhos.

Tinha o cuidado de terminar a sessão de trabalho quando sabia como continuar e obviamente ir gravando para evitar o que sempre acontece: perder dados, textos, que dificilmente se recuperam.

A TESE

A Dissertação teve por objectivo tentar perceber que tipo de relação a escultura do século XX mantém com a morte. O tema da morte pareceu, à partida, constituir um espaço de investigação interessante, pela constante relacional, histórica e cultural que foi mantendo com a arte e especialmente com a escultura.

O facto de alguns autores contemporâneos terem produzido obras específicas relacionadas com a morte (O Beijo de Brancusi continua no cemitério de Montparnasse, Maya Lin faz o Monumento aos mortos do Vietname, Richard Serra e Peter Eisenman concebem o Memorial do Holocausto – Berlim) foi motivo acrescido do interesse em verificar possibilidades de ligação da escultura, em Portugal, com a Estética e desta com a morte.

Assumi, a priori, um carácter monográfico na medida em que propunha estudar um tema: a presença da morte na escultura.

Foi, portanto, a partir de um plano abrangente que se organizou a pesquisa, orientando-a para a situação da produção escultórica contemporânea portuguesa, na medida em que foram detectadas obras onde era evidente uma relação com a presença da morte.

Tratava-se, agora, de verificar de que modo a escultura, desde sempre associada ao culto dos mortos e à sua glorificação, mantinha, nas suas preocupações e nas suas formas, ligações ao tema em questão.

O trabalho prosseguiu no sentido de identificar autores e/ou obras que pudessem caber nesta estrutura. Embora presente em obras dispersas, de autores igualmente dispersos, em nenhum deles essa marca era constante, ou única.

Perante o levantamento efetuado, concluí ser metodologicamente mais eficaz, uma abordagem contrastiva e diacrónica, de carácter mais transversal, escolhendo alguns artistas [João Cutileiro, João Vieira, Clara Menéres, Zulmiro de Carvalho, José Pedro Croft, Manuel Rosa, Pedro Cabrita Reis e Rui Chafes] e dentro das despectivas obras só alguns trabalhos que pareceram ser mais demonstrativos e exemplificativos da problemática analisada.

Para organizar a informação fotográfica recolhida foram elaboradas fichas, no sentido de procurar encontrar e organizar tipologias, iconografias, sentidos formais específicos.

O período cronológico estudado inicia-se na década de sessenta, pelo recuo histórico possibilitado, pela importância que esta década assume, no contexto artístico, mas também pelo contexto sócio-político e económico que lhe serve de pano de fundo. Anos de ruptura e de actualização para a arte portuguesa, constituem também um tempo de “libertação” através de uma específica emigração de jovens artistas, mais ou menos forçada, do país.

A pesquisa centrou-se, portanto, no questionar do modo como a produção escultórica se relaciona com a temática da morte, não já de uma forma literal – a produção específica, cultural – mas sobretudo, de forma metafórica. Como se a arte pensasse ainda a morte, exorcizando-a, assim, mas a morte não precisasse já da arte.

O tema não é a morte mas a escultura.

A análise das obras é realizada a partir de um ponto de vista que constata uma presença mais evidente, mais velada ou metafórica. Corre riscos de interpretação mas a leitura que faz parte das obras, parte de um relacionamento tanto com história da escultura, como com a lógica criativa do autor, ao sabor de um fluxo que as próprias obras instauram, a partir do ponto de vista da sua estrutura lógica.

Em suma pretendeu-se verificar como as especificidades desenvolvem uma visão onde o transcendente e o lugar do homem no mundo, acabam por pôr em evidência esse último acto que é a morte.

É evidente que há nesta abordagem uma exegese que vai do olhar ao ver e que toma uma atitude judicativa, especulativa, mesmo numa busca que procura encontrar ligações (Warburg).

Desta forma a metodologia assemelhou-se à de um curador, responsável por organizar, administrar e valorizar bens de forma zelosa.

A DEFESA

Alguns ecos positivos prévios sobre o trabalho que ia apresentar não aliviaram a pressão e tornaram maior a responsabilidade de corresponder à expectativa.

A esta distância é estranho que tenha sido apresentada oralmente e realizada sem Powerpoint! Para a defesa, tinha só uma folha A4, com duas páginas manuscritas.

INCONCLUSÃO

Um trabalho desta envergadura não acaba e deixa sempre fios para desenvolvimentos futuros. Essa é, talvez, a parte mais gratificante.

ANTÓNIO FERNANDO SILVA [XAI] – n. 1962, Valbom – Gondomar.
Artista plástico. Professor Adjunto da Unidade Técnico Científica de Artes Visuais da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto.
1991 – Curso de Artes Plásticas – Pintura, Escola Superior de Belas Artes do Porto. 2002 – Mestrado em História da Arte em Portugal [Escultura Contemporânea], FLUP.

2014 – Título de Especialista em Artes, Instituto Politécnico do Porto Exposições.
CAVERNAME. Maurício Adinolfi + Xai. Quase Galeria e Museu Nacional Soares dos Reis – Ações Estéticas Quase Instantâneas. Curadoria de Maria de Fátima Lambert 19 junho - 6 setembro de 2019 BÓIA.
XAI (António Fernando Silva). Galeria OCUPA – Porto 18/09 - 19/10 2019.